

Contra o domínio das espadas, contra uma odiosa conspiração tramada na sombra para aniquilar todos os direitos e liberdades devem preparar-se os que não querem sofrer o ódio cego e tórvo de tiranetes improvisados

Officinas de impressão—Rua da Atalala, 111 e 113

Editor—Carlos Maria Coelho

Sabemos de fonte segura que alguém está preparando para muito breve um golpe de Estado tendente a estabelecer em Portugal uma ditadura férrea, conservadora para oprimir o povo, mais do que ele já está.

A BATALHA jornal que interpreta as aspirações do povo português que tanto sangue tem vertido em defesa da Liberdade, agora ameaçada, cumpre, neste momento grave, o seu dever denunciando a existencia do perigo que a todo o custo é preciso destruir.

Dirigimo-nos a todos os verdadeiros amantes da Liberdade. Apêlamos para a consciencia sã do povo portuguez.

E' nesta hora decisiva que se conhecem os homens — os que são pela Liberdade e os que são contra ela. Os que quizerem acima de tudo defender a Liberdade, sem preocupação de tendencias, de escolas politicas ou sociais — que se unam como um só homem. Formemos uma barreira alta e impenetravel e inutilizemos o golpe que traiçoeiramente se prepara. Que o nosso grito seja um só, único, vibrante: **VIVA A LIBERDADE!**

VIVA A LIBERDADE!

E' necessário salvar os filhos dos grevistas dos sofrimentos originados pelos armadores!

A M

OS SEF
ais, como facilmente se depre-

pagem com o apoio do Estado
umentará o preço do pão -:-:-

exalçamos aquela obra, que consideramos meritória, a despeito do nosso temperamento abominar o encômio, que pretendemos torná-la conhecida de todos os trabalhadores, converterem

Uma violência!

Contra a proibição do governador civil de Lisboa protestamos, por que ela não é mais do que uma supressão da liberdade de reunião.

OS TELEGRAFO-POSTAIS

Nem os telégrafo-postais nem o público podem estar à mercê da teimosia.

GOVÊRNO VAI ENTRAR

SEÇÃO TELEGRÁFICA
Federações
METALÚRGICA

SECCÃO DE EGRAFICA

Federações
METALURGICA
Metalúrgicos de Setúbal. —
conveniente dizerem quando se reali-
zação a que vos comprometesdes.

UMA HORA DE ARTE

SERVIÇOS

plicações que o artigo publicado
há dias provocou :: :: :: ::

Se, porém, forem traídos os objetivos demarcados, nós que nestas colunas exalçamos aquela obra, que consideramos meritória, a despeito do nosso temperamento abominar o encômio, que pretendemos torná-la conhecida de

Mas enquanto este facto se não com-
sumar beberemos ahi, como noutras a-
dições, musicais em melodias inegáveis
o prazer espiritual, seiva admirável pe-
ra a perfeição do nosso ser. E proce-

A IMORALIDADE NOS SERVIÇOS DO ESTADO

Veja o pobre consu
ção das Moagem que no
Existem no ministér
lização de Moagem e Pa

medidor a quem está entregue
s roubam e envenenam.
rio da Agricultura uns serviç
darias.

a fiscaliza- Esses fis-
os de fisca- pessoas idôneas
tório de comiss

ais, como facilmente se depõe,
em quem se pudessem depositar
hoje os fiscais sr. Vasconcelos
e consignações, o sr. Tri-

...tar a máxima con-
celos, que tem escri-
go que entre outros

Nomeu Rodrigues que trata de
no se vê os interesses do p
tregues a melhores mãos.

vários negócios de Moagem.
ovo e do Estado não podem

LEDE A «A BATALHA»

CRÓNICA DO PORTO

A VISITA PRESIDENCIAL

Flores de retórica às mãos cheias e o encarecimento do pão em perspectiva... — Como se dissimula a crua realidade com a luzida comédia protocolar

PORTO, 10. — Os radicais e os demagogos andam a medir-se pela bitola das manifestações do chefe do Estado. Os últimos, se não levaram ontem as lampas aos primeiros, tiveram, pelo menos, uma mais excelente e rápida «grinalda» oratória a embelesar-lhes e perfumá-los. Quem a ofereceu, num rasgo de eloquência genética, foi o nosso consagrado Leonor, sem se esquecer os teatros dos amadores...

A dedicatória... da flor de retórica, lançada da varanda do Hotel do Porto sobre a multidão, era concebida nestes termos:

— Que os corações se dissolvam e, numa vaga de amor, vão beijar no sizo do infinito a imagem da pátria. Que os nossos corpos sejam colinas de fogo ardendo em fraternal patriotismo...

Nunca um poder sintético de tamanha magnitude, nem claramente explicável, em poucas frases, a situação presente em que nos amarguramos...

De facto os nossos «corações» vão-se dissolvendo nas jantares protocolares da visita presidencial e nos cofres arrepanhados dos patifes do comércio, da indústria, da finança e da política de todas as nuances. Ditosos numa vaga tenebrosa de «amor» pelos negócios particularistas das clientelas governamentais e pelo egoísmo especulador de cada tubarão que navega nos tesouros públicos e municipais ou de cada honrado da nossa honrada praça, que tirativamente assalta a bolsa do consumidor...

Os nossos corpos, macerados e cadavéricos, caminham, em colunas espectrais de tumulares «logos-fátos», para as arduas desesperadas do «fraternal patriotismo...» cimentado no saque geral da moagem e dos seus vendidos defensores...

E! ponto assente que o pão vai encarecer. Falta determinar o dia em que se há de brindar a cidade com esta «surpresa» aumentatória.

Não podiam só encarecer as «massas», o arroz, o feijão, o bacalhau, os adubos... para que os prejuízos, as festas sejam ressarcidos ao balcão. O pão também é um género de absoluta necessidade que o povo pode e deve pagar mais caro. Logo, vai aumentar o preço. A moagem do norte, como a do sul, regosia-se, com a sua obra lesta, e os industriais de padaria escregam as mãos de contentamento ao verem um novo pretexto para a sua descomunal ganância...

Quando ao povo, esse choro quando não há músicas a tocar a «Portuguesa», e ri-se, e dança, quando as oves rufar...

Não havia realmente motivos para os corações se dissolverem em lágrimas de desespero e revolta e os corpos dos oprimidos se constituírem em colunas cerradas de labaredas revolucionárias, principiando logo por arder no Hotel do Porto, transformado, momentaneamente, em «Hotel de vilas»...

Mas não vale a pena falar em coisas tão fúteis...

Nada mais interessante do que isto: vê-se «avia-sacra» das visitas «regias» aos estabelecimentos fabris...

A Empresa Electro-Cerâmica, das bandas de Gaia, dispunha há tempos operários, agravando assim a «chômage» que infelicitava muitos lares. Era uma nota discordante no chefe de Estado...

Ver parte do maquinismo a trabalhar com operários no pé, enquanto a outra parte funcionava sem ninguém. Nada mais fácil do que se salvar as aparências, alargando-se, por alguns momentos, trabalhadores de outras profissões e «os juntos das máquinas, como as «opas brancas vestidas, como se fossem da casa»...

O presidente da república achou tudo aquilo magnífico... mas os directores de uma empresa não lhe mostraram as alturas...

rações semanais que fazem aos preços das tabelas, nem indicariam o fabuloso lucro exacto que eles arrecadam em relação aos salários que dispensam...

Isto foi o que contou um empregado da fábrica...

Mas o chefe do Estado visitou também outras fábricas nesta cidade, incluindo a de um alto magnate da Câmara Municipal — Ramiro Guimarães. Este sr. «presidente», no discurso de agradecimento ao sr. presidente da república, manifestou o seu «orgulho» por ter sido operário, orgulho que agora surte como a exploração a que se sujeita os seus antigos «camaradas», para o seio dos quais nunca, por princípio algum, desaja voltar. E! que ele sabe que há multíssimos trabalhadores que não têm camisas ou meias de algodão... e muito menos péngas de escócia e de seda — fabricos estes com que os seus assalariados lhes enchem os armazéns a três doze e três doze...

O ilustre e presidencial visitante admitiu-se como aquele ex-operário consequente, que ao despejar um cartucho de dinamite com que tencionava ir à pesca na ribeira do Rosário, e porque este explodiu, ficou muito ferido na mão e braço esquerdo.

Pelo Instituto de Medicina Legal

Deram entrada neste estabelecimento Alfredo Roque, de 26 anos, trabalhador residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 115, loja, e um indivíduo cujo identidade se desconhece, que faleceram subitamente, respectivamente na rua de São Sebastião da Pedreira e na rua das Flores; Inocência dos Santos, de 32 anos, residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 115, loja, e um indivíduo cujo identidade se desconhece, que faleceram subitamente, respectivamente na rua de São Sebastião da Pedreira e na rua das Flores; Inocência dos Santos, de 32 anos, residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 115, loja, e um indivíduo cujo identidade se desconhece, que faleceram subitamente, respectivamente na rua de São Sebastião da Pedreira e na rua das Flores...

Sim, dissolvei os corações em vagas e submergi esses fraternais patriotas que nos espantam...

Homem morto à facada

Ontem de madrugada, numa taberna situada na freguesia de São Pedro de Penaferrim, no concelho de Cintra, houve uma cena de sangue motivada por uma questão antiga de que resultou a morte, já no hospital de São José, para onde foi removido, do trabalhador José Lourenço, de 44 anos, natural de Fomar, o qual foi ferido com cinco facadas, quatro nas costas e uma no braço direito.

O cadáver recolheu à casa mortuária, levando por estes dias ser removido para o Instituto de Medicina Legal afim de ser autopsiado.

Agressão

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo António Joaquim Oliveira, residente na Largo Chão de Loureiro, 31, loja, que na rua do Arco Marquês de Alegrete, foi agredido, ficando ferido na cabeça.

Atropelamentos

Na enfermaria C. I. A. B., do hospital de Santa Marta, deu ontem entrada José Maria Cerqueira, marceneiro, residente na rua de Santa Marta, 76, 3.º, que na Avenida da República foi atropelado por um eléctrico, fracturando a perna direita.

No banco do hospital de São José recebeu curativo Joaquim Gaspar Brilhante, residente na Estrada da Torre, empregado no comércio, que na rua da Palma foi atropelado por um automóvel, ficando ferido na cabeça.

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Ontem um camião da Exploração do Porto de Lisboa, que seguia para o entreposto de Santos onde ia carregar areia, ao descrever uma apertada curva a fim de evitar colir uma porção de barricas de cimento que ali se encontravam, cuspiu a distância dois trabalhadores que seguiam no veículo.

São eles, António Francisco, de 23 anos, e António Pereira, da mesma idade, ambos trabalhadores do sr. José Ribas Terra, empreiteiro das obras na doca de Alcântara, e residentes na rua do Olival, 9, 1.º.

Socorridos imediatamente por outros camaradas que seguiam no mesmo camião foram transportados ao posto da Cruz Vermelha, do Calvário, onde o enfermeiro os pensou ligeiramente, sendo depois removido num automóvel da mesma sociedade para o hospital de São José onde o António Francisco chegou morto, pelo que foi transportado para o Instituto de Medicina Legal. O outro ferido recolheu a casa, depois de devidamente pensado.

Vítima de uma explosão

Na sala de observações do banco do hospital de São José deu ontem entrada José Domingos, natural e residente na Alameda do Rosário, freguesia de Alameda, que ao despejar um cartucho de dinamite com que tencionava ir à pesca na ribeira do Rosário, e porque este explodiu, ficou muito ferido na mão e braço esquerdo.

Pelo Instituto de Medicina Legal

Deram entrada neste estabelecimento Alfredo Roque, de 26 anos, trabalhador residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 115, loja, e um indivíduo cujo identidade se desconhece, que faleceram subitamente, respectivamente na rua de São Sebastião da Pedreira e na rua das Flores; Inocência dos Santos, de 32 anos, residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 115, loja, e um indivíduo cujo identidade se desconhece, que faleceram subitamente, respectivamente na rua de São Sebastião da Pedreira e na rua das Flores...

Sim, dissolvei os corações em vagas e submergi esses fraternais patriotas que nos espantam...

Homem morto à facada

Ontem de madrugada, numa taberna situada na freguesia de São Pedro de Penaferrim, no concelho de Cintra, houve uma cena de sangue motivada por uma questão antiga de que resultou a morte, já no hospital de São José, para onde foi removido, do trabalhador José Lourenço, de 44 anos, natural de Fomar, o qual foi ferido com cinco facadas, quatro nas costas e uma no braço direito.

O cadáver recolheu à casa mortuária, levando por estes dias ser removido para o Instituto de Medicina Legal afim de ser autopsiado.

Agressão

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo António Joaquim Oliveira, residente na Largo Chão de Loureiro, 31, loja, que na rua do Arco Marquês de Alegrete, foi agredido, ficando ferido na cabeça.

Atropelamentos

Na enfermaria C. I. A. B., do hospital de Santa Marta, deu ontem entrada José Maria Cerqueira, marceneiro, residente na rua de Santa Marta, 76, 3.º, que na Avenida da República foi atropelado por um eléctrico, fracturando a perna direita.

No banco do hospital de São José recebeu curativo Joaquim Gaspar Brilhante, residente na Estrada da Torre, empregado no comércio, que na rua da Palma foi atropelado por um automóvel, ficando ferido na cabeça.

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

São Carlos

A ópera de Donizetti, «Lucia di Lamermoor»

Ópera de melodias simples, muito afeitas à época em que Donizetti as produziu, mas ainda toleradas e apreciadas hoje, por muita gente, a quem elas não são insensíveis a música moderna, «Lucia di Lamermoor» é talvez das óperas saídas do período romântico da melodia italiana, uma das que mais se tem fixado, mercê da limpidez das suas ligeiras harmonias em que o concentrante não tem pequeno lugar.

Porém, para que um ópera de Donizetti, ou dos seus contemporâneos no melodismo, Bellini, Ricci e Mercadante, caia nos nossos ouvidos e no nosso gosto, como deve ser, impõem-se vozes cuja resistência, afinação e agradabilidade de timbre permitam atacar as notas mais difíceis numa segura maleabilidade, numa homogênea emitibilidade.

O lugar comum classificou este conjunto de qualidades com a designação de «belo canto», e nós, os que sabemos o que é interpretar ópera, descobriremos, explicando a frase com outra «bom canto», E! tam flagrante esta hegemonia da voz humana nas óperas da velha escola italiana, que a acção operística se perde quasi por completo, para dar lugar a uma sublimação que não vai muito além da função acompanhante.

Da cantora portuguesa Cecília Ortiga tornou-se simpática à assistência que ouviu a «Lucia di Lamermoor» pela desesperada intenção de agradar, lutando com a expectativa dum teatro que ouvia falar dela com grande fama, e com a exigência natural de ouvintes que conheciam a ópera, banalisada já pelo alívio de cantoras que a tem interpretado, porque a «Lucia di Lamermoor» tem passado durante épocas e épocas pelos palcos de São Carlos e do Coliseu, com notáveis distribuições em que na parte feminina se recordam Regina Pacini, Berriotti, Maria Galvani, e ainda recentemente Angela Olteiu.

Da cantora portuguesa, que poderemos dizer, não a quem não morde a esmola broto do patriotismo, e a quem só a verdade preocupa?

Cecília Ortiga começou a sua exibição no palco de São Carlos, com uma ópera em que facilmente naufragar até quem alcançou um certo renome. E, sem querer amesquinhá-lo o seu trabalho, que não reprovamos absolutamente, achamos que lhe teria sido mais conveniente estreitar-se em qualquer outra ópera ligeira, mais ligeira, que lhe facultaria mais gradualmente o acesso a trechos de maior responsabilidade.

Depois o palco de São Carlos é inhospito, nesta tremenda quadra do antigo, nesta atravessada, para gargantas meridionais, em geral habituadas ao conchego de salões onde a par da temperatura se disfruta uma familiaridade que não amedronta, como sucede em um público heterogêneo em palcos, como é na sua maioria a gente que actualmente frequenta São Carlos e onde é vulgar deparar com pessoas que ali entram pela primeira vez, e que providencialmente servem a justificar certos schisms, pouco correctos.

Com prazer esperamos o momento em que a cantora portuguesa se possa evidenciar melhor, para que a nossa opinião deslize mais à vontade.

O tenor Bisagni, tem boa voz, boa figura, mas pouca escola que adquiriu à proporção que foi pisando os tabuleiros líricos, e à medida que vá acotovelando com orientadores que o encaminhem; e o nosso meio não é o mais propício. O artista que mais nos agradou foi o barítono Mangeri, que tem uma voz sa, de agradável timbre, sabendo cantar e representar.

Muito unidos e afinados os corpos que tem algumas caras bonitas e boas figuras, merecendo ainda que se especialize o intermezzo em harpa por mademoiselle Cecília Borba, e o acompanhamento à flauta no rondó de Manuel Duarte.

Nogueira de BRITO

CHUMBO

compra-se e muitos outros artigos metálicos. — ALBINO LAMEIRO, T. dos Mares, 25 (ao Conde Barão). — Telefone 974 C.

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

TRABALHO NOTAVEL

A marcação da farça de Gil Vicente INEZ PEREIRA feita pelo actor Joaquim de Oliveira

Mais uma publicação da revista De Teatro. Trata-se de uma separata de alguns dos seus números em que veio publicada a adaptação livre à cena moderna da célebre farça de Gil Vicente «Inez Pereira» e em que o estudioso actor Joaquim Oliveira, actualmente no teatro Nacional, desenvolve teórica e praticamente a rigorosa marcação que ela exige. Essa metódica marcação vem ornada de preciosos gráficos que estabelecem geometricamente a situação dos personagens, a disposição topográfica, dentro das regras certas mas lógicas da peça, enquadrando a sua vida, a intensidade das suas cenas, o movimento da sua acção na dinâmica literária e ensenativa.

Joaquim de Oliveira valoriza teatralmente a farça, pondo as suas figuras no limite da função cénica que o autor lhes criou, com todo o colorido dos seus caracteres, com toda a verdade da sua composição caracterológica.

Joaquim de Oliveira desce a todas as nuances necessárias, penetra nos recantos mais ocultos da arte de ensinar, procurando trazer à vida dos bastidores essas modelares criações do fundador do teatro português. Não há dêsse modo uma figura que não viva inteira, tal qual a imaginação do autor a supôs na passagem da realidade para o palco.

Que útil seria para a difusão da obra de Gil Vicente e para o alargamento de conhecimentos que temos do seu teatro, esta sistematização de processos, esta aturada distribuição de valores em que se não perde a pormenorização aparentemente mais escusada.

E! muito desvanecedor poder-se apontar um artista que, como Joaquim de Oliveira, tem a paixão do teatro, mas não se limita a fazer melhor ou pior o papel que lhe entregam, deve curar de saber das causas emocionais que agitam a cena, em conjugação com o movimento vital dos personagens.

Chama-se a este trabalho de Joaquim de Oliveira, a compendiosa técnica da gestão imaginativa do dramaturgo, relacionando o seu sentir e a sua maneira de ver com a sensibilidade do público e, com as suas faculdades perceptivas e discriminadoras.

De muitos trabalhos como este é que nós precisamos, educa quem a lê e desfaz no nosso espírito a desgraçada ideia que justamente se faz da mentalidade de muitos dos nossos actores, em que só existe automatismo de vocação e raramente a compreensão da sua arte e de consciência profissional.

O interessante opusculo sobriamente impresso, contém um proficiente tratado do professor António Pinheiro, incernando ao todo cento e vinte três gravuras. Pode-se considerar uma obra modelar confirmando na sua explanação a ideia que Mário Duarte sintetiza neste eloquentíssimo período: «A marcação e a interpretação das figuras, carácter, qualidade e sentimentos, são a vida do Teatro».

Nogueira de BRITO.

Reclamos

Mais um magnífico espectáculo se realiza hoje no teatro Nacional com a peça «O Padeiro de Madrigal» cujas cenas se revestem de uma gravação exultante e de um admirável pitoresco, que seduz o espectador. O desempenho, é uma maravilha, justificando os aplausos com que todas as noites são recebidos os seus intérpretes.

— Continua em pleno êxito a revista «Fruto Proibido», em cena no Apolo. A peça apresenta, já, novas atracções.

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Deposito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

entre as quais merece, especialmente, mencionar-se o «Fado Canção de Verão» que Lina Demol canta com todo o colorido e sentimento, repetido-o sempre a pedidos instantes do público. Nas noites de carnaval, representase «Fruto Proibido» com a atracção de alguns papéis serem

